
INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

A PARTIR DA HERMENÊUTICA

NEGRA*

VINÍCIUS WAGNER DE SOUSA MAIA NAKANO**
LINDIÓGENES FERREIRA***

Resumo: neste artigo apresentamos reflexões sobre a hermenêutica negra e sua inserção no contexto geral da hermenêutica bíblica. Ao fazê-lo notamos como a mesma fonte textual, a Bíblia, pode servir a dominadores e dominados, o que mostra a importância de saber e conhecer as técnicas e métodos de interpretação de textos, fatos e acontecimentos. O artigo divide-se em três partes, sendo a primeira destinada a tratar da análise dos enunciados e das práticas interpretativas que emergem dos mesmos. Na segunda tratamos sobre a hermenêutica negra da Bíblia e na terceira dispomos sobre algumas formas de interpretação a partir da hermenêutica negra, donde seguimos à conclusão.

Palavras-chave: Hermenêutica. Negra. Marginalizados. Libertação.

MESMOS ENUNCIADOS, DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

A linguagem é forma de expressão humana que se relaciona às práticas religiosas enquanto linguagem objeto e metalinguagem. E percebemos que as mudanças havidas nas experiências religiosas também provocam parcela das mudanças que ocorrem no mundo cultural que abrange a linguagem. Quando há uma grande mudança no mundo religioso, também é pela linguagem que a percebemos, visto que boa parte das práticas culturais e religiosas sustenta-se em realidades construídas sobre conceitos.

No final do século XIX e início do século XX houve uma grande mudança de paradigmas que abrangeu quase todas as áreas do saber no mundo ocidental. Essa mudança é caracterizada por metadiscursos que conferiram um novo sentido e significação à totalidade

* Recebido em: 07.08.2014. Aprovado em: 26.08.2014.

** Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento. Doutorando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). *E-mail:* vwsmaia@hotmail.com.

*** Bacharel em História. Mestrando em Ciências da Religião na PUC Goiás. *E-mail:* pensarecrescer@hotmail.com.

dos fenômenos no campo das ciências humanas. O metadiscorso que vigorava até então foi construído sobre bases metafísicas e teológicas. O positivismo ou cientificismo combatia essas bases afirmando o empirismo e a razão lógico-formal como únicos fundamentos válidos dos conhecimentos científicos. Isso se dava no espírito ou programa da modernidade. Dando continuidade ao programa da modernidade, o cientificismo logo apresentou uma nova demanda, calcada preponderantemente em problemas linguísticos, num período que ficou conhecido como virada linguística.

No auge da virada linguística, o método estrutural de Saussure (2006) ganhou bastante prestígio, tendo se espalhado para outras áreas das ciências humanas. Tratou-se de uma verdadeira revolução epistemológica que foi posta em prática em diversos campos do conhecimento. O teórico que mais longe levou a teoria estruturalista foi Claude Lévi-Strauss (1995), que a aplicou à antropologia. Associado ao discurso científico, o estruturalismo situa-se entre os grandes esquemas metanarrativos pelos quais se pretende explicar ou significar o mundo social. Em termos linguísticos, o projeto procura eliminar as ambivalências, os conflitos ideológicos, as variações, ou seja, todas as mudanças, irregularidades, descontinuidades observadas na fala. Tendo extrapolado o seu campo inicial de abordagem, o estruturalismo foi incorporado a diversos campos do saber, em especial das ciências humanas e sociais, por ter tornado possível a construção de teorias e modelos explicativos compatíveis com o discurso da modernidade nas ciências humanas. Nesse diapasão, o discurso científico e o modelo científico de produção de conhecimento atingiram expressivo prestígio nos meios acadêmicos, políticos, filosóficos, entre outros, influenciando os arranjos e valores sociais em suas diversas dimensões.

No decorrer da primeira metade do século XX, em que o discurso positivo prevaleceu, também ocorreram guerras e conflitos motivados por argumentos “científicos”, seja para legitimar a ocupação de países, seja para motivar práticas eugênicas, seja para justificar o engajamento do aparato estatal na consumação de referidas práticas. Esses fatos colocaram em crise o discurso da modernidade e sua metanarrativa, ensejando um movimento de crítica consistente na problematização dos fundamentos deste discurso e desta metanarrativa, abrangendo as diversas dimensões do conhecimento. No campo linguístico, ante as insuficiências do estruturalismo, desencadeou-se um fenômeno de retorno da língua ao enunciado que ensejou uma mudança das preocupações do campo sintático para os campos semântico, semiótico e hermenêutico, semelhantemente ao que ocorreu nos movimentos filosóficos pós-modernistas que guinaram o foco das atenções da filosofia da linguagem para o existencialismo e outras correntes preocupadas com o próprio sentido do existir humano no mundo além de outras concepções desconstrutivistas e críticas. E dentro desse contexto, o método dialógico de Bakhtin (2009) ganhou bastante destaque após os anos 60, quando o estruturalismo mostrava algumas insuficiências, ocasião em que “foram [...] percebidos como problemas três traços do estruturalismo que já vinham sendo criticados em outras áreas do conhecimento: seu caráter anti-historicista, anti-idealista e anti-humanista. Esses traços são inerentes ao estruturalismo enquanto atitude filosófica, e não há como negá-los” (ILARI, 2009, p. 83).

É nesse contexto, de críticas à modernidade e seu projeto fracassado de resolver os problemas do mundo, que resultou no holocausto, em mortes, e na crise de instituições como o Estado, que se tornou, no caso da Alemanha, autor de práticas genocidas, que surgiram novas práticas hermenêuticas construídas a partir da visão e ponto de vista dos oprimidos e marginalizados. As instituições antes hegemônicas – Estado, universidades, centros de estudos, Igreja Católica, entre outras – já não tinham mais monopólio da autoridade interpreta-

tiva sobre questões de gênero, etnia, religião, política e outros aspectos que dizem respeito a todas as pessoas. A igreja, por sua vez, não mais detinha o monopólio do que seria a correta interpretação ou da única interpretação possível dos textos da Bíblia, o que já ocorria deste os tempos da reforma. É justamente nesse período pós-segunda guerra mundial que surgiram os movimentos feministas, hippies e negros em busca de novas práticas interpretativas para questões do mundo.

A HERMENÊUTICA NEGRA DA BÍBLIA

Existem diversas intencionalidades possíveis a partir da leitura de textos elaborados por outras pessoas. E a elaboração de interpretações envolve o diálogo entre os diversos atores que podem estar presentes ou ausentes. Pronto o texto, este ganha certa autonomia, desprendendo-se de seu autor. E ao longo da história que envolve a Bíblia, são permanentes as tensões e discussões sobre os sentidos das suas diversas passagens e textos. Questões ortográficas, sintáticas, semânticas, semióticas, emergem como problemas, gerando diferentes interpretações, sem que exista a garantia de que uma ou outra seja a “verdadeira”. Consegue-se uma boa aproximação do sentido, mas a aspiração de “verdade” permanece no plano metafísico. Fora da metafísica, ou das práticas solipsistas, restam métodos e técnicas que possibilitam construções de sentidos sustentáveis num espaço dialógico. Tal se dá, por exemplo, com as hermenêuticas da libertação, feministas, neopentecostais, negras, cada qual procurando construir sentidos dotados de coerência e coesão, a partir da mesma fonte, qual seja, a Bíblia. O texto é o mesmo, mas diferentes interpretações são possíveis a partir dele.

A Bíblia tem por mérito ser obra de longa aplicação no tempo e no espaço, tendo influenciado diversas instituições sociais, como Estados, comunidades, grupos, famílias, sendo também duradoura e importante na construção de imaginários daquilo que se convencionou chamar de tradição judaico-cristã. Muitas práticas realizadas no presente encontram sustentação em textos bíblicos. E nesse longo percurso espaço-temporal, a interpretação dos textos bíblicos se fez e refaz, reinventando práticas, conferindo explicações a acontecimentos e fenômenos. O texto permanece, mas mudam as interpretações. Uma das formas de interpretação da Bíblia é a hermenêutica negra, que se desenvolveu a partir de algumas premissas, utilizando métodos na busca da construção de novos sentidos para os enunciados do texto.

Existem diferenças entre a compreensão dos textos da Bíblia feita por uma pessoa negra e outra pessoa com pele de cor diferente? Há sentido nessa indagação? Talvez essa questão ganhe significação numa perspectiva histórica que reconheça a utilização do cristianismo católico, aliado ao poder dos reinos europeus, para oprimir e dominar povos de diferentes culturas, principalmente povos africanos, escravizados por mais de 500 anos.

Hoje isso pode parecer absurdo, mas até mesmo a escravidão já foi legitimada com a utilização de passagens da Bíblia. Os textos da Bíblia, cheios de significação, possibilitam novas construções hermenêuticas, mesmo que mantidos os enunciados. Na prática uma perícope ou passagem pode servir de fonte para construção de sentidos inerentes à opressão baseada na cor da pele, desembocando para práticas discriminatórias. Por outro lado, pode também servir para legitimar práticas libertadoras contra a opressão, sendo este o sentido da hermenêutica negra.

Nesse campo de interpretações possíveis, o intérprete, ao exercer a prática hermenêutica, não consegue se retirar por completo das reflexões hermenêuticas, já que para fazê-lo,

tem de expressar-se linguisticamente, sendo a linguagem, numa compreensão mais moderna, mais que via de comunicação, sendo forma de expressão da própria existência. Ao se expressar o intérprete se coloca no mundo, situando-se historicamente. O mesmo se dá quando se realizam interpretações de textos escritos há mais de 1900 anos, como são os textos bíblicos. Escritos em outro contexto histórico, por pessoas que se encontravam em diferentes posições sociais, os textos da Bíblia constituem inesgotável fonte de investigações, fomentando releituras atuais, adequando-se aos problemas da modernidade.

Durante a história, podem-se notar interpretações teleológicas da Bíblia que fomentam a expansão do cristianismo no espaço, o que para alguns legitima, por exemplo, a conversão de pessoas em lugares distantes. Desse modo, admitir a expansão como modo de atuação prática, é um pilar que repercute no modo de atuação das pessoas, fato que ocorreu na histórica de modo não alvissareiro.

É nesse contexto que Frisotti (1994, p. 3) destaca:

Antes de hablar de lo que la Biblia puede significar para el pueblo negro es necesario recordar lo que ella significó en su historia: fue una herida, pues se la usó para legitimar la opresión del señor, del capataz, del macho, del juez: del poder blanco. Pero ella fue también un plato repleto, del cual fue posible extraer fuerza, lucha, resistencia y saborear el amor de Dios por los últimos, hombres y mujeres negras. Es, pues, reconocida como una fuente que mata la sed: una fuente todavía amarga o bajo secuestro, o incluso a veces negada. Una fuente que debe convivir con las otras fuentes que Dios dono.

1.1. Una herida

La Biblia es una herida porque no fue neutra. En el período colonial fue llamada como testigo de que Dios estaba del lado del Rey, del señor de esclavos, del rico, del obispo, del blanco, del hombre. Una herida, y una herida mortal que procuró matar la libertad, la dignidad, la fe y la identidad del pueblo negro. A los ojos del hombre y de la mujer negros, la Biblia fue el hierro en brasa, la mordaza, los grilletes que los mantenían presos en el 'dulce infierno', como era llamado el ingenio de azúcar.

Adiante destaca o autor que a Bíblia tem cara de patrão, tem rosto de capataz, tem cara de juiz inquisidor, tem rosto de branco, sendo também fonte de compreensões e incompreensões. Já quase no final do texto o autor elucida:

Vale la pena recordar que no va a ser posible hacer ecumenismo con las religiones afro-brasileñas e indígenas a partir de la Biblia. No puede ser usada como fuente común. Puede iluminar nuestra aproximación, diálogo y solidaridad, pero no puede ser puesta como el Libro, la Palabra, la Verdad, la Historia del pueblo de Dios. Sólo será aceptada (y lo es) cuando sea una palabra dialogal, que escucha la otra, se reconoce en ella y la acoge. Nunca cuando sea una palabra que los otros no tengan, que se imponga, autoritaria y exclusiva (FRISOTTI, 1994, p. 3).

Assim, a Bíblia, enquanto fonte de inspiração religiosa não pode ser imposta, desconsiderando-se os aspectos culturais dos demais povos do mundo. Pode servir como fonte de referência para diálogos construtivos, tal como na perspectiva de Bakhtin (2009) em seu dialogismo. De outro modo, servirá apenas para produzir assimetrias e desigualdades estruturais, legitimando práticas de dominação, opressão e violência.

ALGUMAS LINHAS INTERPRETATIVAS DA HERMENÊUTICA NEGRA

São três, preponderantemente, as fontes históricas da hermenêutica negra nos Estados Unidos:

- a) O movimento dos direitos civis da década de 1950 nos Estados Unidos, com destaque para a figura de Martin Luther King, Jr.;
- b) O movimento Black Power da década de 1960, que se iniciou com o movimento de direitos civis, mas mudou seu curso;
- c) A publicação de um livro de Joseph R. Washington em 1964, em que tentou criticar as igrejas que congregavam pessoas brancas, por não terem integrado as sociedades religiosas negras, na corrente principal do protestantismo americano¹.

James H. Cone, um metodista episcopalino americano escreveu um livro muito importante sobre teologia negra, tornando-se um dos porta-vozes do movimento. Sua obra apresenta reflexões sobre o conteúdo da teologia negra, sobre as fontes e normas da teologia negra, sobre a significação da revelação, sobre Deus na teologia negra, sobre ser humano na teologia negra, sobre Jesus Cristo na teologia negra e sobre igreja, mundo e escatologia na teologia negra (CONE, 2010).

Os desenvolvimentos interpretativos da teologia negra aproximam-na da teologia da libertação. Já no primeiro capítulo do livro Cone afirma que “*christian theology is a theology of liberation*” (2010). Em linhas gerais, os negros são identificados com os marginalizados e excluídos, o que remete à figura de Jesus crucificado, morto por contrariar a ordem social e política estabelecida de seu tempo, propondo um novo modo de vida comunitário, mais justo. Dá-se, com isso, voz aos oprimidos e marginalizados.

As tensões sociais havidas da diferença da cor da pele ao longo da história se reproduziram em instituições como a igreja, escolas e associações. Anteriormente, enquanto ainda vigia o escravagismo, as igrejas das pessoas brancas eram associadas aos senhores e amos, o que remetia à figura dos opressores. Por esses motivos, Cone escreveu que a teologia negra é uma forma de teologia da sobrevivência, já que as pessoas negras despendem grande parte de seus esforços para construir uma forma de vida num mundo construído por e para brancos em que as formas de expressão negras são rotuladas como ilegítimas. Um segundo ponto diz respeito à identidade negra, num país – Estados Unidos - cuja história é marcada pela negação da humanidade e legitimidade das formas de expressão das pessoas negras ou pela negação de sua memória e seu passado. Um terceiro ponto diz respeito à teologia negra como forma de expressão de um povo privado de poderes políticos e sociais. Num mundo em que o opressor define o que é correto em termos de uma cultura de pessoas brancas, desqualificam-se os aspectos da cultura negra (CONE, 2010).

Outras formas de hermenêutica negra também estão presentes na América Latina, identificando pessoas negras aos oprimidos e violentados. Vale trazer à baila a proposta elaborada por Padilha:

A Teologia Afro-Americana é uma teologia que parte da realidade do povo negro, de sua história, de sua cultura e reflete o ser negro. Portanto, a Bíblia é vista com os óculos de sua realidade e, a partir dela, é feita sua leitura. A comunidade negra considera a Bíblia como palavra segunda; ela contém a palavra de Deus. Portanto, a Bíblia pode ser relativizada pela prática, ou seja, depende de como ela é utilizada (PADILHA, 2003, p. 113).

Nessa nova perspectiva, a Bíblia pode ser relida a partir daquilo que Walter Benjamin chama de tradição dos oprimidos (BENJAMIN, 1987, p. 226). Jesus morre na cruz tendo levado consigo os negros à cruz. Redimiou seus pecados por meio da ressurreição. Identificam-se, pois, Jesus e os povos marginalizados, oprimidos e violentados.

Uma das perspectivas pentecostalistas, por exemplo, reinterpreta a Bíblia inserindo os negros num contexto social outorgando-lhes uma identidade social. Os negros, oriundos de um contexto opressor e escravocrata, encontram no pentecostalismo, conforme observam Cesar e Shall (1999) a possibilidade da criação de uma nova sociedade que supere as estruturas injustas, a fome e a violência. Além de re-significar o papel do negro, o pentecostalismo reformula hermeneuticamente sua posição no ambiente social. Nesse sentido, Novaes (1985, p. 136) salienta que “quando o cabra vira crente, vira logo cidadão. Ergue a cabeça, até parece que tem estudo”.

Essa forma de leitura crítica mostra como uma postura hermenêutica etnocêntrica colocou determinados grupos de pessoas em condição subalterna ou marginal e como a releitura da Bíblia pode reconstruir identidades e re-sinificar papéis sociais.

RELEITURAS FEITAS COM BASE NA HERMENÊUTICA NEGRA

A partir dessa arquitetura que dá forma e método para a interpretação de textos da Bíblia, constroem-se novas leituras, tomando-se por ponto de partida uma perspectiva negra, de povos em seus locais geográficos originários, de personagens que ingressaram nos textos bíblicos, ou atualizando-se a leitura para problemas atuais. Segundo Lopes, (2009), três casos mostram contextos em que a hermenêutica negra pode construir significações. Em Gn. 16, 13-14; 21, 17-18, Ex. 4, 24-25 e Ct. 1, 5.

No primeiro, Agar, mulher egípcia, negra, foi expulsa por Abraão da sociedade em que vivia, e viu-se perto da morte. Mas ao rogar pela vida do filho, Deus interveio e salvou-os. Além de salvá-los, Deus concedeu-lhes terra para habitar e tornou o filho patriarca de um povo. No segundo caso, Séfora, realizou o procedimento de circuncisão, exclusivo da religião de Israel, cortou o prepúcio do filho atirando-o – o prepúcio – aos pés de Moises, dizendo, tu és meu marido de sangue. Essa atitude mostra a iniciativa de Séfora, que também era negra, ao resolver um problema diante da inação de Moises. Agar e Séfora são mães de filhos dos patriarcas eleitos por Deus para dar continuidade à genealogia israelita.

No terceiro caso, uma escrava estrangeira é protagonista do canto de amor do Cântico dos Cânticos. Numa leitura sem a perspectiva negra, as mulheres negras são colocadas, a depender da leitura, numa posição de subalternas (CALDEIRA, 2013, p. 1192), em Ct 1, 5-6, principalmente na primeira estrofe do versículo 5. Segue o quadro elaborado por Caldeira (2013, p. 1196) sobre traduções de Ct 1, 5-6; 5, 10-11:

Quadro 1: Comparação de tradução do vocabulário *vav* das versões bíblicas TEB, Jerusalém e Genebra

Tradução de <i>vav</i> , sharorah, sheharehoret, shehorot	TEB	JERUSALÉM	GENEBRA
Ct 1.5-6	Eu sou preta , mas bela... Não vos incomodeis se sou morena ...	Sou morena , mas formosa...Não olheis eu ser morena ...	Eu estou morena e formosa...Não olheis para eu estar morena ...
Ct 5.10-11	Meu querido é <u>claro</u> , rosado...Seus cachos [...] pretos como um corvo	Meu amado é <u>branco</u> e rosado...Seus cabelos, negros como o corvo	Meu amado é <u>alvo</u> e rosado ...Seus cabelos [...] pretos como o corvo

Nesse quadro mostram-se traduções de trecho do Cântico dos Cânticos que levam a diferentes interpretações. Na análise da autora, constrói-se o apoderamento da mulher negra pelo tradutor, que a coloca em condição subalterna, no primeiro e segundo casos, pela conjunção adversativa “mas”, já que a cor é colocada em contraposição ao sentido estético do belo. No terceiro caso, ao invés da cor natural da pele, traduz-se o texto de modo a conferir à personagem uma cor morena decorrente de exposição ao sol em decorrência do trabalho.

Mas se considerado o período em que o texto foi escrito, no período pós-exílio, e o fato da mulher apresentar-se em primeira pessoa, tem-se uma releitura muito importante diante de uma sociedade que via as mulheres como não sujeitos sociais (CALDEIRA, 2013, p. 1199). A mulher negra é apresentada como protagonista do livro bíblico Cântico dos Cânticos.

Nesses três casos, mulheres, negras, escravas ou esposas, consideradas páreas numa sociedade escravocrata e androcêntrica, são inseridas no centro, como protagonistas nas histórias por elas vividas, o que é sem dúvida uma importante forma de reconfigurar o imaginário simbólico da leitura bíblica.

CONCLUSÃO

Procurou-se, por meio das reflexões desenvolvidas, apresentar um pequeno apanhado, daquilo que se tem escrito a partir de uma hermenêutica negra da Bíblia. Com isso quer-se destacar que construções culturais e históricas, por meio de conceitos expressos linguisticamente, ao mesmo tempo em que conferem sentido ao nosso existir no mundo, também resultam em práticas sociais de dominação e opressão ilegítimas. A opressão exercida sobre povos negros por longo período da história mostra como práticas culturais se arraigam no imaginário social, ainda que fundadas em falsas premissas. É, pois, nossa tarefa, como atores das práticas sociais, desconstruir, por meio do diálogo e da reflexão no espaço dialógico, os valores e preconceitos que sustentam tais formas de violência.

Para finalizar, trazemos excerto de texto de Jorge Celas, que trata sobre corpo e solidariedade, por ser a cor da pele, parte do corpo, a fonte de tantas práticas sociais e incompreensões terríveis havidas em nossa história:

La negritud no es sólo un componente genético. Es sobre todo un componente cultural. Es, por tanto, una dimensión histórica proyectada en un tiempo, vivida en un espacio concreto. Es fruto de una relación ancestral entre un grupo humano y su entorno natural y social. Es la autoconstrucción del grupo a partir de sus condiciones de existencia (CELA, 1994, p. 3, 63).

Que sejamos persistentes na permanente desconstrução das desinformações e incompreensões fundadas em falsas premissas que tantos males causam à humanidade. Nesse sentido, a hermenêutica negra é um resgate, uma ferramenta de diálogo que amplia nossa compreensão sobre questões que geraram e ainda geram tanta dor e sofrimento a tantas pessoas.

INTERPRETATION OF THE BIBLE FROM THE BLACK HERMENEUTICS

Abstract: in this paper we present reflections on the black hermeneutics and its place in the general context of biblical hermeneutics. In doing so we noticed how the same textual source, the Bible, can serve dominators and dominated, which shows the importance of knowing and know the techniques and methods of interpretation of texts, facts and events. The article is divided into three parts, the first aimed at addressing the analysis of the enunciation and interpretative practices that emerge from the same being. In the second deal about black hermeneutics of the Bible and in the third we have on some forms of interpretation from the black hermeneutics, where we follow the conclusion.

Keywords: *Hermeneutics. Black. Marginalized. Liberation.*

Notas

- 1 MERCABÁ. Mercaba, diócesis de Cartagena-Murcia. *Teologia negra*. Disponível em: http://www.mercaba.org/DicEC/T/teologia_negra.htm . Acesso em: 07 maio 2014.
- 2 Teologia cristã é uma teologia da libertação.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, 222-232..
- CALDEIRA, Cleusa. Hermenêutica negra e feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6. *Estudos feministas*, v. 21, n. 03, p. 1189-1210, set./dez. 2013.
- CELA, Jorge. Cuerpo y solidaridad. *Revista de interpretación bíblica latino-americana*, v. 19, n. 3, p. 63-73, 1994. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla19/cuerpo%20y%20solidaridad.html>> Acesso em: 20 maio 2014.
- CESAR, Waldo; SHALL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das religiões cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CONE, James H. *A black theology of liberation*. New York: Orbis Books, 2010.
- FRISOTTI, Heitor. Pueblo negro y Biblia: reconquista histórica. *Revista de interpretación*

biblica latino-americana, v. 19, n. 3, p. 47-62, 1994. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla19/pueblo%20negro.html>> Acesso em: 20 maio 2014.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. Vol. 3. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 53-92.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Eliseo Verón. Barcelona: Paidós, 1995.

LÓPES, Maricel Mena. Hermenêutica negra feminista. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, n. 1, p. 183-188, 2005.

LOPES, Tiago de Freitas. Teologia negra para a mulher negra: uma leitura hermenêutica. *Revista eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro*, n. III, p. 25-31, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seminariodosul.com.br/posescrito/pdf/numeroatual/3Lopesteologianegra.pdf>> Acesso em: 20 maio 2014.

NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e economia*. Rio de Janeiro: ISER - Marco Zero, 1985.

PADILHA, Günter. Hermenêutica bíblica negra. *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*, p. 110-130, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix, 2006.